

Morfossintaxe verbal das variedades Timbira faladas pelos povos
Gavião do Pará e do Maranhão

Verbal morphosyntax of the Timbira varieties spoken by the
Gavião do Pará and Maranhão peoples

Morfosintaxis verbal de las variedades Timbira habladas por los
pueblos Gavião do Pará y Maranhão

João Henrique Santos de Souza
hnrqssz@gmail.com

Fábio Bonfim Duarte
fbonfim@terra.com.br

Resumo

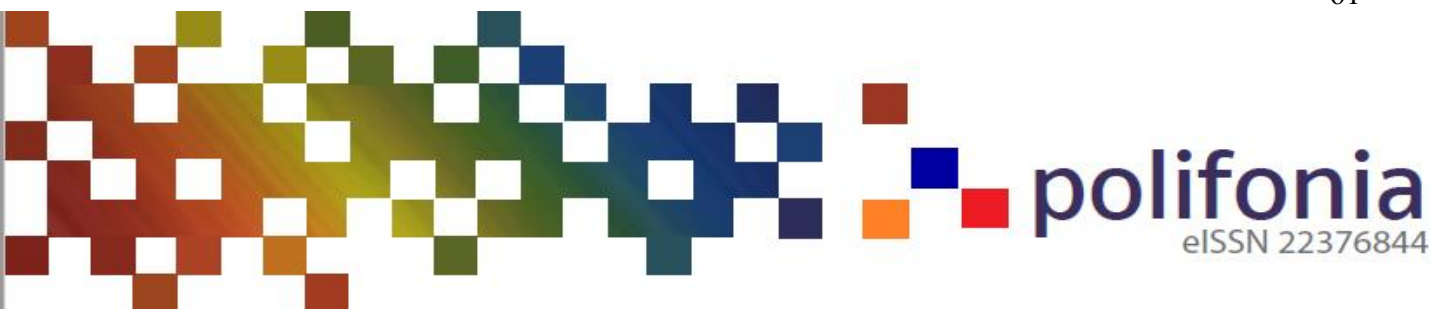
Neste artigo, temos por objetivo efetuar a descrição de aspectos da morfossintaxe verbal das variedades Timbira conhecidas como Parkatêjê e Pykobjê, faladas, respectivamente, pelos povos Gavião do Pará e Gavião do Maranhão. O propósito é mostrar os fatores que regulam a relação gramatical entre o verbo e seus argumentos, bem como descrever o sistema de Caso decorrente dessa relação. A metodologia envolve a coleta de dados naturais e elicitados em Pykobjê e dados secundários colhidos a partir de estudos disponíveis sobre a língua Parkatêjê. Após a descrição desses dados, efetuamos uma análise sobre a estrutura argumental dos verbos. Por fim, desenvolvemos uma proposta de que sujeitos podem receber até quatro marcas de Caso, a saber: o morfema default $\{\emptyset\}$ de caso nominativo, o morfema $\{te\}$ de caso ergativo, o morfema $\{m\tilde{y} \sim m\tilde{ã}\}$ de caso dativo, e o morfema default $\{\emptyset\}$ de caso absolutivo. Essas marcações diferenciais são o resultado de cisões sintático-semânticas que ocorrem em argumentos nucleares dos verbos dessas línguas.

Palavras-chave: ergatividade, morfossintaxe verbal, línguas timbira.

Abstract

In this article, we provide a description of the verbal morphosyntax of the Timbira varieties, known as Parkatejê and Pykobjê, spoken, respectively, by the Gavião do Pará and by the Gavião do Maranhão peoples. The objective is to show the grammatical constraints that regulate the relationship between the verb and its arguments, as well as to describe the Case system that results from this relationship. The methodology enfolds the collection of natural and elicited data from Pykobjê and secondary data collected from available publications about Parkatejê. After describing these data, we compare their argument structures in order to establish the split case systems. Finally, we show that subjects can receive four Case morphemes, namely $\{\emptyset\}$ for nominative case, $\{te\}$ for ergative case, $\{m\tilde{y} \sim m\tilde{ã}\}$ for dative case, and $\{\emptyset\}$ for absolutive case. These differential markings are the result of the syntactic-semantic splits that emerge in the complex verbal system of these languages.

Keywords: ergativity, verbal morphosyntax, timbira languages.



Resumen

En este artículo, pretendemos describir aspectos de la morfosintaxis verbal de las variedades Timbira conocidas como Parkatejê y Pykobjê, habladas, respectivamente, por los pueblos Gavião do Pará y Gavião do Maranhão. El propósito es mostrar los factores que regulan la relación gramatical entre el verbo y sus argumentos, así como describir el sistema de Caso resultante de esta relación. La metodología implica la recopilación de datos naturales y obtenidos en Pykobjê y datos secundarios recopilados de estudios disponibles acerca de el Parkatejê. Después de describir estos datos, el propósito es realizar un análisis de la estructura argumental de los verbos. Al final, desarrollamos una propuesta de que los sujetos pueden recibir entre cuatro marcas de Caso, a saber: {Ø} para caso nominativo, {te} para caso ergativo, {mỹ ~ mã} para caso dativo y {Ø} para caso absoluto. Estas marcas diferenciales son el resultado de divisiones sintáctico-semánticas del complejo sistema verbal de estos idiomas.

Palabras-clave: ergatividade, morfosintaxis verbal, lenguas timbira.

1. Introdução

Neste artigo, temos como objetivo apresentar uma descrição de aspectos da morfossintaxe verbal das variantes Timbira faladas pelos povos Gavião do Pará e Gavião do Maranhão, as quais são conhecidas na literatura como Parkatejê e Pykobjê, respectivamente. Outro propósito do artigo é analisar o sistema de Caso decorrente da relação gramatical que se estabelece entre o verbo e os seus argumentos nucleares. Os estudos sobre línguas do grupo Timbira (cf. AMADO, 2004; CASTRO ALVES, 2004, FERREIRA, 2003; entre outros) assumem que essas línguas operam com dois alinhamentos sintáticos, a saber: o sistema nominativo-acusativo e o sistema ergativo-absolutivo, como demonstram os exemplos¹ do Pykobjê a seguir:

PYKOBJÊ:

ALINHAMENTO NOMINATIVO-ACUSATIVO

(1) *wa pacre-Ø cora*
 eu escorpião-ACC matar
 'Eu mato escorpião.'

(2) *awca'teh wa jarxaa*
 amanhã eu correr
 'Amanhã eu vou correr.'

¹ Abreviaturas: ABS = Absolutivo; ACC = Acusativo; ASP = Aspecto; CAUS = Causativo; CONJ = Conjunção; DAT = Dativo; DIR = Direcional; ERG = Ergativo; IRR = Irrealis (Modo); MOV = Movimento; NF = Não-finito; NOM = Nominativo; PL: Plural; POSP = Posposição; REL = Relacional (Prefixo).



- (3) *ca ha ěhj-caxwyh*
tu IRR 1-furar
'Tu vais me furar.'

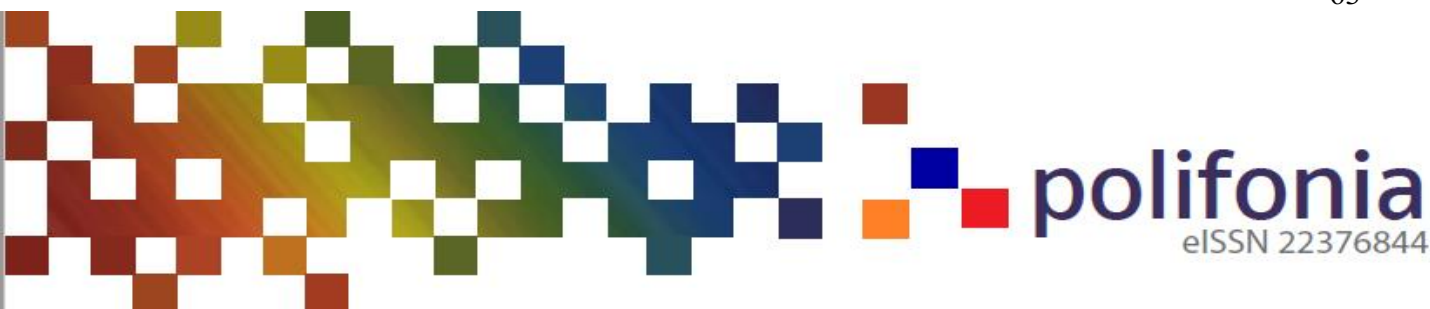
ALINHAMENTO ERGATIVO-ABSOLUTIVO

- (4) *ěhj-te pacre-Ø coran*
1-ERG escorpião-ABS matar+NF
'Eu matei o escorpião.'

- (5) *pacre-Ø tyhc*
escorpião-ABS morrer+NF
'O escorpião morreu.'

- (6) *aa-te ěhj-caxwyr*
2-ERG 1-furar+NF
'Tu me furaste.'

Observa-se que a ordem sintática dos argumentos nucleares em orações transitivas é Sujeito-Objeto-Verbo. Nota-se ainda que, nos exemplos acima, o sujeito do verbo transitivo recebe duas marcas morfológicas diferentes: {Ø} para caso nominativo e {te} para caso ergativo; ao passo que o objeto recebe marca de caso default {Ø} tanto para indicar caso acusativo, quanto para sinalizar o caso absolutivo. Em orações intransitivas, por sua vez, a ordem sintática canônica é Sujeito-Verbo. Os exemplos acima mostram que o sujeito pronominal de primeira pessoa, quando recebe caso nominativo, realiza-se por meio do pronome livre *wa* 'eu', tanto em oração transitiva quanto em oração intransitiva, conforme indicam os exemplos em (1) e (2). Emerge-se assim um sistema de alinhamento nominativo-acusativo (A=S≠O). Neste sistema, o sujeito transitivo (A) e o sujeito intransitivo (S) se alinham morfológicamente em oposição ao objeto (O). Todavia o sujeito pronominal, quando recebe caso ergativo, como na oração transitiva em (4), realiza-se por meio da forma pronominal presa *ěhj-* 'eu', a qual deve vir seguida pela marca de caso ergativa {te}. Nestes contextos, o sujeito e objeto, os quais vêm realizados pelo sintagma nominal *pacre* 'escorpião', recebem a marca de caso default {Ø}, engatilhando um sistema ergativo-absolutivo (A≠S=O). Neste padrão gramatical, o



sujeito de verbo transitivo recebe a marca de ergativo {te} e o sujeito e o objeto se alinham morfologicamente, uma vez que ambos recebem a mesma marca de caso default {Ø}.

Há ainda uma cisão na realização de superfície do sujeito pronominal² do verbo intransitivo. Esta cisão fica particularmente instanciada em contextos em que o verbo intransitivo eventivo pode ocorrer tanto em forma não-finita como em forma finita. Na forma não-finita emerge a forma de caso absolutivo {j-}, conforme mostra o exemplo (07), enquanto a forma de caso nominativo {wa} ocorre na forma finita do mesmo verbo, conforme mostra o exemplo (08). Comparem-se os exemplos a seguir:

PYKOBJÊ:

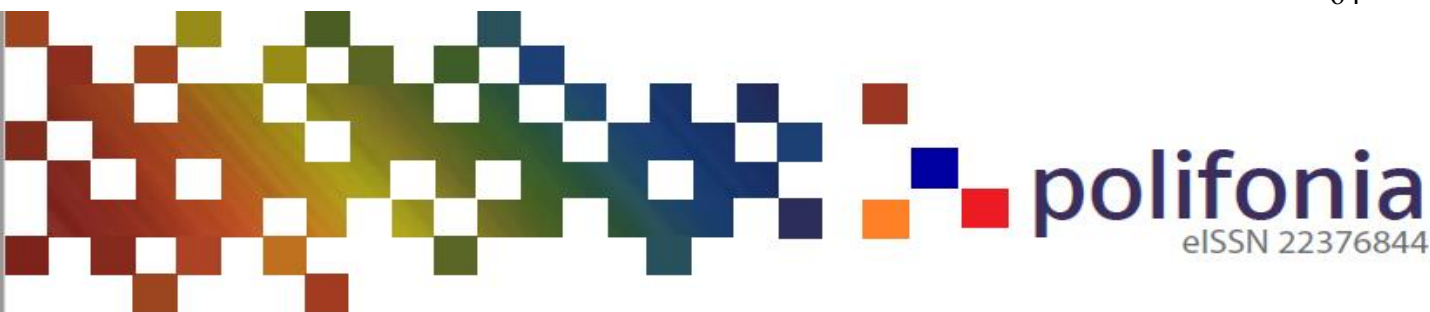
(7) *eh'no'ny j-arxar*
ontem 1-correr+NF
'Ontem eu corri.'

(8) *awca'teh wa jarxaa*
amanhã eu correr
'Amanhã eu vou correr.'

Diante dessa cisão, assumiremos, doravante, que verbos intransitivos eventivos engatilham caso absolutivo no sujeito, quando o verbo vem na forma não-finita. Por sua vez, em formas finitas, o sujeito de verbos intransitivos eventivos vem marcado sistematicamente com o caso nominativo. Ou seja, a forma do sujeito pronominal em verbos finitos é nominativa e em verbos não-finitos é absolutiva, o mesmo caso que é engatilhado em sujeitos pronominais em verbos intransitivos estativos. No entanto, faz-se importante destacar que o caso do sujeito do verbo intransitivo estativo é sempre absolutivo, independentemente se o verbo vem na forma finita ou na forma não finita, conforme mostra o exemplo a seguir:

(9) *cormỹ ěhj-tuure*
ASP 1-ser.jovem
'Ainda sou/estou jovem.'

² Para um melhor entendimento sobre a diferença entre pronomes pessoais e prefixos de pessoa, remeto o leitor ao trabalho de Santos (2018).



Assumimos ainda que a marcação de Caso do sujeito em orações transitivas também é cindida. Mais precisamente, o sujeito de verbo transitivo pode receber caso ergativo, caso nominativo e caso dativo. A alternância ergativo-nominativo está relacionada ao traço aspectual da sentença e a ocorrência do caso dativo está diretamente associada à semântica do verbo psicológico. De maneira geral, podemos afirmar, com certa segurança, que a forma finita figura no aspecto imperfectivo, contexto no qual o sistema de alinhamento é nominativo-acusativo, conforme mostram exemplos de (01) a (03), enquanto a forma não-finita ocorre no aspecto perfectivo, situações na quais o alinhamento é o ergativo-absolutivo, conforme indicam os exemplos de (04) a (06). Já sujeitos de verbos transitivos e intransitivos que envolvem estado psicológico recebem o caso dativo, conforme mostram os exemplos abaixo.

PYKOBJÊ:

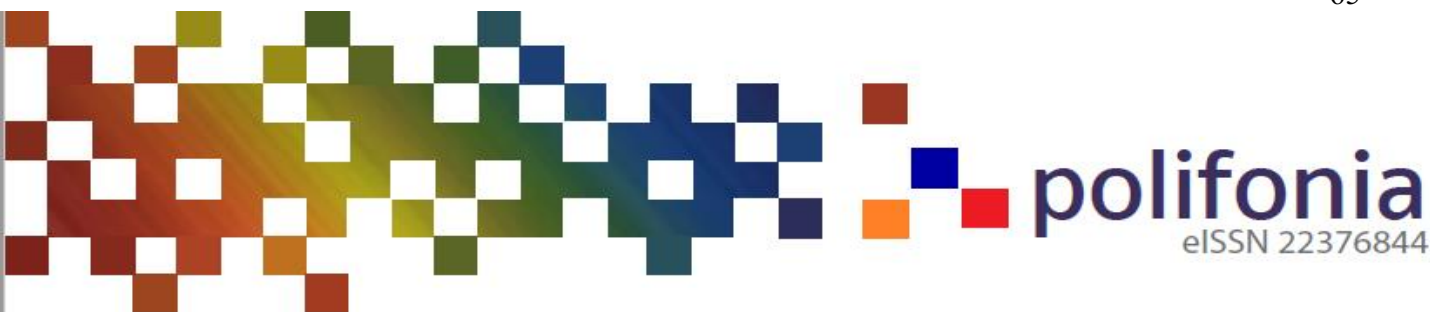
(10) *ẽhj-mỹ aajoo caprĩire*
 1-DAT aajoo sentir.pena
 'Eu tenho pena de Aajoo.'

(11) *ẽhj-mỹ cur*
 1-DAT sentir.sede
 'Estou com sede.'

Conforme demonstram os exemplos (10) e (11), esses verbos, por denotarem um estado psicológico, devem selecionar um sujeito dativo com a propriedade semântica de afetado.

Em suma, a descrição realizada até aqui nos permite concluir que, de fato, o sujeito recebe, pelo menos, quatro marcas diferenciais de Caso, a saber: o nominativo, o ergativo, o dativo e o absolutivo. Outra hipótese que pretendemos desenvolver é a de que os verbos de marcação canônica codificam somente aspecto verbal, o qual pode ser perfectivo ou imperfectivo, enquanto os verbos de marcação não-canônica engatilham um terceiro alinhamento, aqui chamado de dativo-acusativo.

Para fundamentar nossa proposta teórica, comparamos as variedades linguísticas faladas por dois povos Timbira, a saber: o Pykobjê e o Parkatêjê. Os dados apresentados



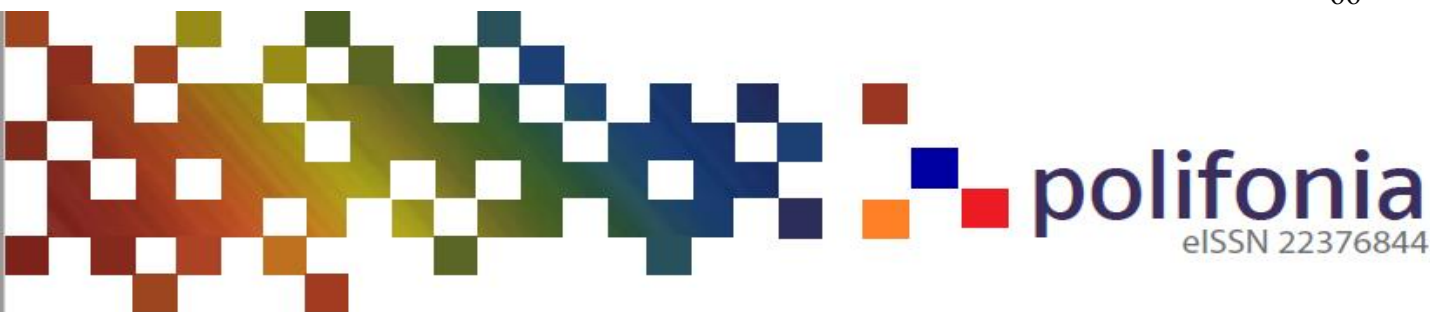
para o Pykobjê foram coletados por nós, em pesquisa de campo piloto realizada em agosto de 2019, consistindo tanto de conversas naturais com falantes da língua quanto de dados elicitados. Os dados apresentados para o Parkatêjê foram retirados das descrições morfossintáticas de Ferreira (2003) e Ribeiro-Silva (2016).

Este artigo está organizado em quatro seções. Na seção 2, apresentam-se breves considerações sobre os povos e as línguas investigadas. Na seção 3, delineamos o aporte teórico que será utilizado no decorrer da análise. Na seção 4, descrevemos os dados que darão suporte à proposta teórica. Na seção 5, finalizamos o artigo.

2. Os povos Gavião e suas línguas

Os povos conhecidos na literatura antropológica como Gavião do Pará e Gavião do Maranhão habitam, respectivamente, as Terras Indígenas (T.I.) Mãe Maria e Governador. A primeira está localizada no município de Bom Jesus do Tocantins (PA), enquanto a segunda está localizada no município de Amarante do Maranhão (MA). Ambos fazem parte de um agrupamento maior conhecido como Timbira, que inclui ainda outros cinco povos, a saber: Canela-Apaniekrá, Canela-Mêmörtũmre (anteriormente conhecido como Ramkokamekrá), Krahô, Krenjê, Krepym e Krĩkati. Além dos dois grupos Gavião, esses povos são falantes das variedades Timbira conhecidas como Ramkokamekrá, Apaniekrá, Pykobjê, Parkatêjê, Krĩkati, Krahô e Krenjê (RODRIGUES 1999, p. 167).

Por sua vez, o grupo Timbira faz parte do ramo conhecido como setentrional (Norte) da família linguística Jê, a qual pertence ao tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999). De acordo com a classificação de Rodrigues, as línguas da família Jê são agrupadas geograficamente em quatro ramos, a saber: Nordeste, Norte, Central e Sul. A língua Jaikó, a qual compreendia o ramo Nordeste, não existe mais. Pertencem atualmente ao ramo Norte as línguas Apinajé, Kĩsedjê, Mëbêngôkre, Panará e Tapayuna, e o grupo Timbira. Do ramo Central, fazem parte as línguas Xavante, Xerente, Xakriabá e Akroá, sendo que as duas últimas não apresentam mais falantes nativos. Por fim, o ramo Sul compreende o



complexo dialetal Kaingang e a língua Laklãnõ (também conhecida como Xoklêng). Esta classificação está descrita no quadro abaixo.

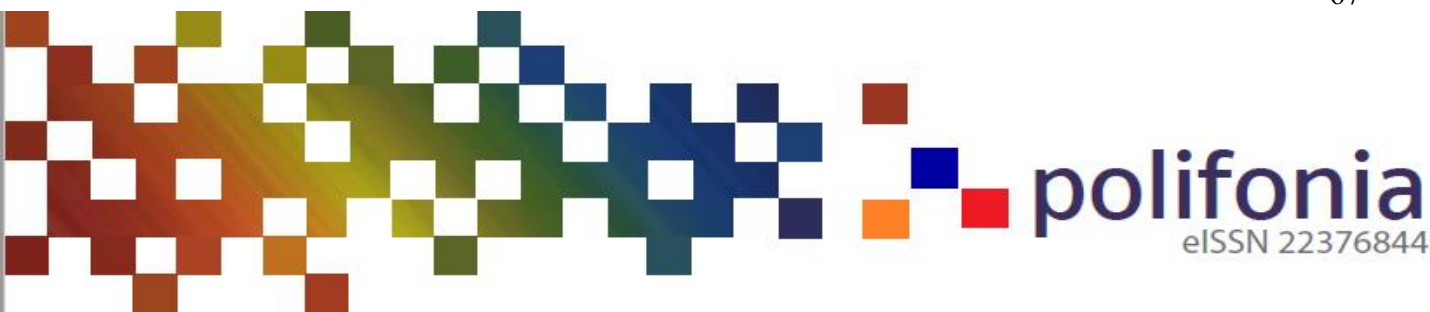
Quadro 1. Classificação da família linguística Jê (RODRIGUES, 1999).

FAMÍLIA JÊ			
Nordeste	Norte	Central	Sul
➤ Jaikó [†]	➤ Apinajé ➤ Kisedjê ➤ Mëbêngôkre ➤ Panará ➤ Tapayuna ➤ Timbira	➤ Xerente ➤ Xavante ➤ Xakriabá ➤ Akroá	➤ Kaingáng ➤ Laklãnõ ➤ Ingain [†]

Após esta breve descrição sobre os povos e as línguas, apresentamos na próxima seção o aporte teórico por meio do qual a análise se ancora.

3. Aporte teórico

Sistemas de Caso sempre chamaram a atenção daqueles interessados em compreender a linguagem humana, especialmente se considerarmos que nenhuma teoria possui uma resposta final para os sistemas de Caso das línguas naturais. Em consonância com Butt (2006, p. 4), “marcação explícita de caso é proveitosa para o estabelecimento de papéis semânticos dos nomes (e pronomes) e seu relacionamento sintático com o verbo”. Sobre esse tema, Fillmore (1968, p. 23) afirma que a noção gramatical de Caso merece um lugar no componente sintático da gramática de toda língua. Para este autor, pesquisas sobre sistemas de Caso demonstram haver uma variedade de relacionamentos semânticos possíveis entre sintagmas nominais e posições sintáticas na sentença. Outro ponto importante discutido por Fillmore (ibidem, p. 24) são as ‘categorias secretas’, as quais são um conceito que demonstra que todas as línguas são iguais na forma subjacente, pois todas fazem distinção sintático-semântica entre sujeitos e objetos na sentença. Para tal, comparem-se os exemplos abaixo:



- (a) *John ruined the table.*³
 (b) *John built the table.*⁴

Fillmore (ibidem) propõe que a diferença entre os DPs (*Determiner Phrase*) objetos das sentenças acima é puramente semântica, uma vez que não há marcação morfológica de caso em inglês. Nota-se que, na sentença em (a), o objeto existe previamente e sofre a ação de *John*, enquanto na sentença em (b) o objeto passa a existir a partir da ação de construção que *John* desenvolve.

Assumiremos que Caso pode ser entendido como o produto final da relação sintática que se dá entre o verbo e seus argumentos. Essa relação pode resultar tanto a partir da marcação morfológica de Caso nos argumentos, quanto a partir da ordem sintática dos constituintes. Nessa linha de investigação, trabalharemos ainda com a noção de Caso esboçada por Adger (2003, p. 211), conforme a qual os traços de caso que um sintagma nominal recebe durante a derivação sintática têm a função primordial de regular a distribuição desses NPs (*Noun Phrase*) em *slots* sintáticos específicos na sentença.⁵ É, portanto, esse fato que explica, por exemplo, a razão pela qual os exemplos abaixo são agramaticais no inglês, visto que o pronome *me*, em (12b), o pronome *she*, em (13b), e o pronome *he*, em (14b), figuram em posições sintáticas incompatíveis com os traços de Caso que recebem no momento em que são retirados do léxico.

- (12a) **I** give it to him. [posição de sujeito]
 (12b) ***Me** give it to him. [posição de sujeito]

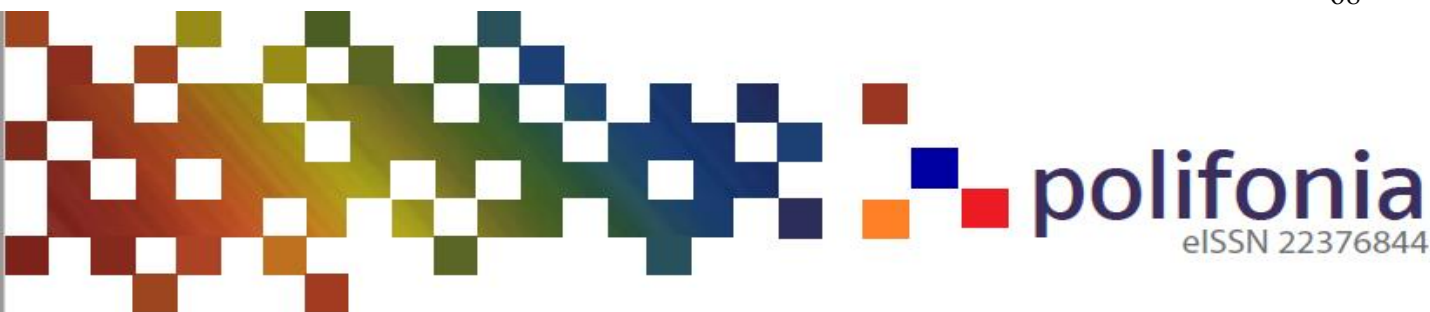
- (13a) I sent **her** away.
 (13b) I sent ***she** away.

- (14a) I introduced her to **him**.
 (14b) I introduced her to ***he**

³ (a) John arruinou a mesa.

⁴ (b) John construiu a mesa.

⁵ Adger (2003, p. 211) assume que: "(...) *the function of case features is to regulate the syntactic distribution of nominal phrases, rather than to mark any special semantic properties*".



3.1 Proposta tipológica de Dixon

As línguas do mundo podem ainda ser subdivididas de acordo com os alinhamentos sintáticos que engatilham. Os sistemas de Caso mais recorrentes entre as línguas do mundo são o nominativo-acusativo e o ergativo-absolutivo⁶. De acordo com Dixon (1994), o alinhamento ergativo-absolutivo emerge quando um argumento A (referindo-se aqui ao argumento externo = sujeito transitivo) recebe a marca de caso ergativo, em oposição ao argumento S (sujeito intransitivo) e ao argumento O (objeto direto de um verbo transitivo), que recebem a marca de caso absolutivo. Já o alinhamento nominativo-acusativo surge quando A e S são marcados pelo mesmo morfema de Caso, em oposição a O que recebe um morfema de Caso distinto. Esta distinção entre os dois sistemas de Caso pode ser mais bem compreendido pela formulação a seguir:

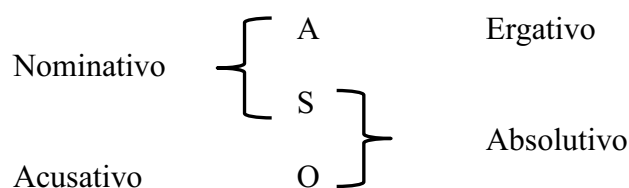
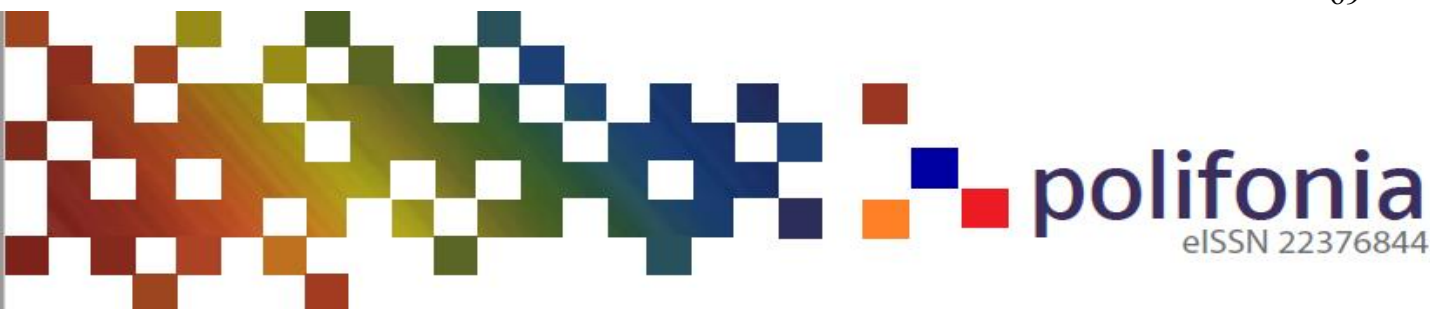


Figura 1. Sistemas de Caso (DIXON, 1994, p. 9)

Dixon (1994) postula ainda haver uma mistura de sistemas de alinhamento, situação que pode fazer emergir sistemas cindidos, resultando em línguas que podem ser chamadas de ergativas cindidas, como é a situação das línguas timbira, investigadas neste trabalho. Essas cisões podem ter motivações sintáticas ou semânticas, de sorte que se faz necessário explicarmos as razões por que tais sistemas são engatilhados. Alguns fatores gramaticais, apontados por Dixon como sendo responsáveis pelo engatilhamento de sistemas mistos, são os seguintes:

⁶ O alinhamento sintático **nominativo-absolutivo** foi encontrado na variante Xikrín da língua Mëbêngôkre (cf. CABRAL, RODRIGUES & COSTA 2004) e é necessário verificar se o mesmo alinhamento aparece em outras línguas da família Jê.



- a) cisão condicionada pela natureza semântica do verbo;
- b) cisão condicionada pela natureza semântica dos NPs;
- c) cisão condicionada por tempo/aspecto/modo (TAM);
- d) cisão entre orações ‘principais’ *versus* ‘subordinadas’.

Dixon (1994, p. 104) aponta ainda que “há línguas que combinam dois ou até três fatores condicionantes para o engatilhamento do sistema ergativo-absolutivo”. Esta é a situação que ocorre nas línguas Pykobjê e Parkatêjê, em que o traço aspectual da sentença e a classe semântica a que o verbo pertence estão na base da alternância entre sistema ergativo *versus* sistema nominativo. Na próxima seção, apresentamos os dados que servirão de base para nossa análise.

4. Apresentação dos dados

4.1 Marcação do sujeito de verbos transitivos

Tanto em Parkatêjê quanto em Pykobjê, o alinhamento nominativo-acusativo é caracterizado pela marca morfológica { \emptyset } em sujeitos transitivos. Isso ocorre sempre que o verbo aparecer em sua forma finita e estiver no aspecto imperfectivo, como mostram os exemplos abaixo:

PARKATÊJÊ:

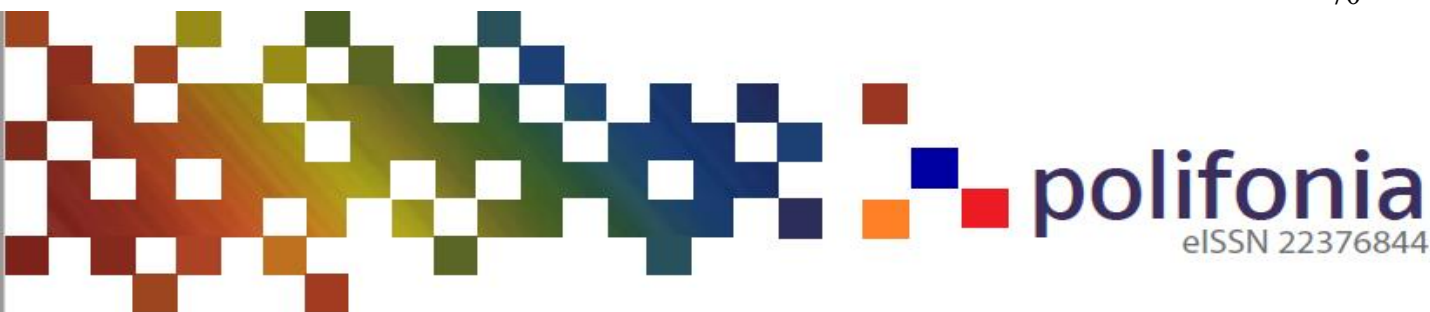
- (15) *wa- \emptyset kotikti nã to*
 eu-NOM café POSP fazer
 ‘Eu faço café.’ (FERREIRA 2003, p. 86)

- (16) *wa- \emptyset i-kra pẽ*
 eu-NOM 1-filho carregar
 ‘Eu carrego meu filho.’ (ibidem, p. 192)

PYKOBJÊ:

- (17) *awca'teh ca- \emptyset ha êhj-par caxwyh*
 amanhã tu-NOM IRR 1-pé furar
 ‘Amanhã tu vais furar meu pé.’

- (18) *aajoo \emptyset ry'my to pinhuc poc*
 aajoo NOM rápido POSP bola bater
 ‘Aajoo bate a bola rapidamente.’



Os exemplos mostram que, nesse alinhamento, sujeitos pronominais aparecem em sua forma livre, enquanto sujeitos não-pronominais aparecem com a marca de caso nominativo default $\{\emptyset\}$. Já o alinhamento ergativo-absolutivo é caracterizado pela marca morfológica $\{te\}$ em sujeitos transitivos. Isso ocorre sempre que o verbo aparecer em sua forma não-finita e estiver no aspecto perfectivo. Comparem-se os exemplos a seguir:

PARKATÊJÊ:

(19) *i-te kotikti nã tɔn*
 1-ERG café POSP fazer+NF
 ‘Eu fiz café.’ (FERREIRA 2003, p. 86)

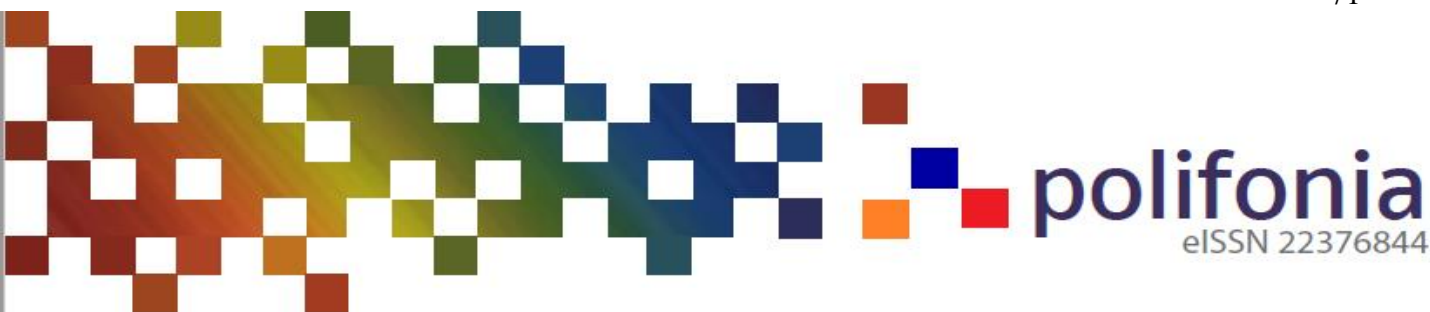
(20) *i-te i-kra pẽn*
 1-ERG 1-filho carregar+NF
 ‘Eu carreguei meu filho.’ (ibidem, p. 190)

PYKOBJÊ:

(21) *eh'no'ny aa-te ẽhj-par caxwyr*
 ontem 2-ERG 1-pé furar+NF
 ‘Ontem tu furaste meu pé.’

(22) *aajoo te ehpri ny pinhuc poc*
 aajoo ERG devagar POSP bola bater+NF
 ‘Aajoo bateu a bola devagar.’

Note que, nos exemplos de (19) a (22), sujeitos pronominais e não-pronominais são sistematicamente marcados com a marca de caso ergativo $\{te\}$. Tendo em conta o conjunto de dados apresentados acima, concluímos que há uma interessante marcação diferencial do sujeito (cf. WOOLFORD 2009), condicionada pela presença ou não do traço aspectual perfectivo na sentença. Essa marcação diferencial é, por sua vez, regulada pela alternância entre as formas finita e não-finita do verbo. Notem que os verbos na forma finita estão no aspecto imperfeito, enquanto os verbos na forma não-finita codificam a informação de que o evento está ancorado no aspecto perfectivo. Por fim, vale destacar que não emerge um sistema de marcação diferencial de objeto, posto que não há uma marca morfológica específica para diferir o objeto. Ou seja, o sistema de Caso, nessas línguas, não é utilizado para denotar, por exemplo, se o objeto é definido ou



indefinido, como ocorre em línguas como o Hindi, o Ka'apor, o Turco, o Finlandês, dentre outras.⁷

Na próxima subseção, o objetivo é efetuar uma análise sobre a cisão que ocorre na marcação de sujeitos de verbos intransitivos.

4.2 Marcação do sujeito de verbos intransitivos

Observa-se uma interessante marcação diferencial de sujeito de verbos intransitivos, condicionado pela natureza semântica do verbo tanto em Pykobjê quanto em Parkatêjê. Esta marcação fica particularmente instanciada pelo fato de os sujeitos de verbos estativos virem sistematicamente codificados por meio de pronomes presos. Já sujeitos de verbos eventivos podem vir realizados gramaticalmente por meio de pronomes pessoais livres ou por meio de pronomes presos. A escolha de uma ou outra opção dependerá se o verbo se encontrar na forma finita ou na forma não-finita. Para tal, comparem-se os dados a seguir:

VERBOS ESTATIVOS:

PARKATÊJÊ:

(23) *a-mpej*

2-ser.bom

'Tu és bom.' (RIBEIRO-SILVA, 2016, p. 42)

(24) *i-nkrik nĩɛ*

1-zangado muito

'Eu estou muito zangado.' (FERREIRA, 2003, p. 127)

PYKOBJÊ:

(25) *ry'my j-eeh cỳ*

ASP 1-ser.velho

'Eu já sou/estou velho.'

(26) *awca'teh belém cym ãhj-cato*

amanhã belém POSP 1-chegar

'Amanhã eu chego em Belém.'

⁷ Para detalhes sobre esses sistemas de Caso, remetemos o leitor aos artigos de Duarte (2012, 2014, 2016, 2017, 2019) sobre DOM (*Differential Object Marking*), DSM (*Differential Subject Marking*) e sobre ergatividade em línguas indígenas.



- (27) *ry'my ĕhj-cator*
 ASP 1-sair+NF
 'Já saí.'

VERBOS EVENTIVOS:

PYKOBJÊ:

- (28) *wa ngõr*
 eu dormir
 'Eu durmo.'

PARKATÊJÊ:

- (29) *wa mũ tẽ*
 eu MOV ir
 'Eu vou.' (FERREIRA, 2003, p. 88)

- (30) *ka mũ h-õrõkre wir tẽn*
 tu MOV REL-casa DIR ir+NF
 'Tu foste para a casa dele.' (ibidem, p. 162)

Adicionalmente, apenas em Pykobjê, surge uma interessante marcação diferencial de sujeito no interior da classe de verbos intransitivos eventivos, a qual é regulada pelo fato de o verbo estar na forma finita ou não. Desta maneira, quando o verbo está na forma não-finita, o sujeito de primeira pessoa é realizado pela forma livre *wa* 'eu'. Todavia, se o mesmo verbo figurar na forma não-finita, o sujeito de primeira pessoa deve ser realizado pela forma presa {ĕhj- ~ j-}. Notem que, nos exemplos a seguir, a forma do sujeito de primeira pessoa do verbo *dormir* flutua, ora recebendo a forma nominativa {*wa*}, ora a forma absoluta {*j-*}. Tal distribuição é condicionada pelo fato de o verbo vir na forma finita ou na forma não finita, como mostram os seguintes exemplos:

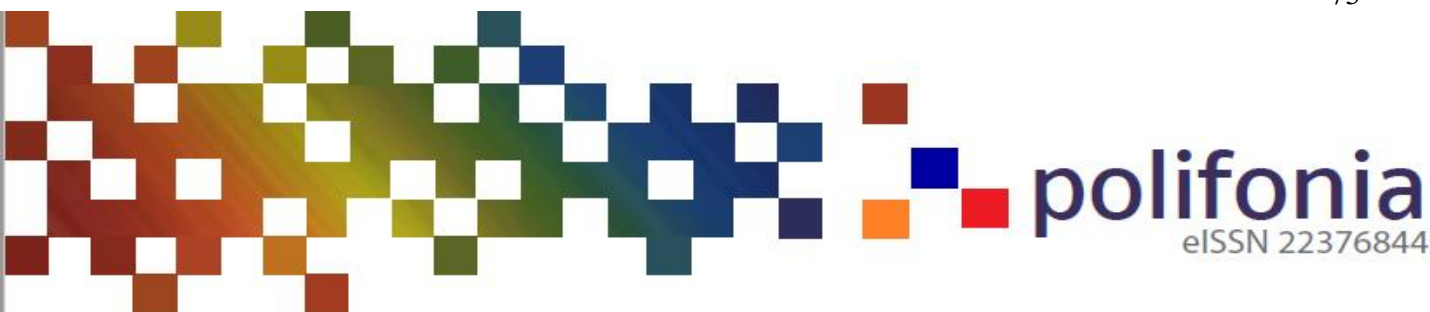
PYKOBJÊ:

FORMA FINITA:

- (31) *wa ngõr*
 eu dormir
 'Eu durmo.'

FORMA NÃO-FINITA:

- (32) *j-õt*
 1-dormir+NF
 'Eu dormi.'



Não obstante, o mesmo padrão não se observa na língua Parkatêjê, visto que o sujeito pronominal de verbos intransitivos eventivos vem sempre realizado pela forma livre, não importando se o verbo está na forma finita ou não-finita. Esse fato fica consubstanciado pelo fato de o sujeito de primeira pessoa *wa* ‘eu’ poder ser selecionado por um verbo na forma finita e o sujeito de segunda pessoa *ka* ‘tu’ poder ser projetado por um verbo na forma não finita. Tal fato nos permite concluir que as formas pronominais livres, que recebem caso nominativo, podem ocorrer tanto em orações em que o verbo está na forma finita, quanto em orações em que o verbo toma a forma não-finita. Comparem-se os dados a seguir:

PARKATÊJÊ:

(33) *wa mũ tẽ*
 eu MOV ir
 ‘Eu vou.’ (FERREIRA, 2003, p. 88)

(34) *ka mũ h-õrõkrɛ wɪr tẽn*
 tu MOV REL-casa DIR ir+NF
 ‘Tu foste para a casa dele.’ (ibidem, p. 162)

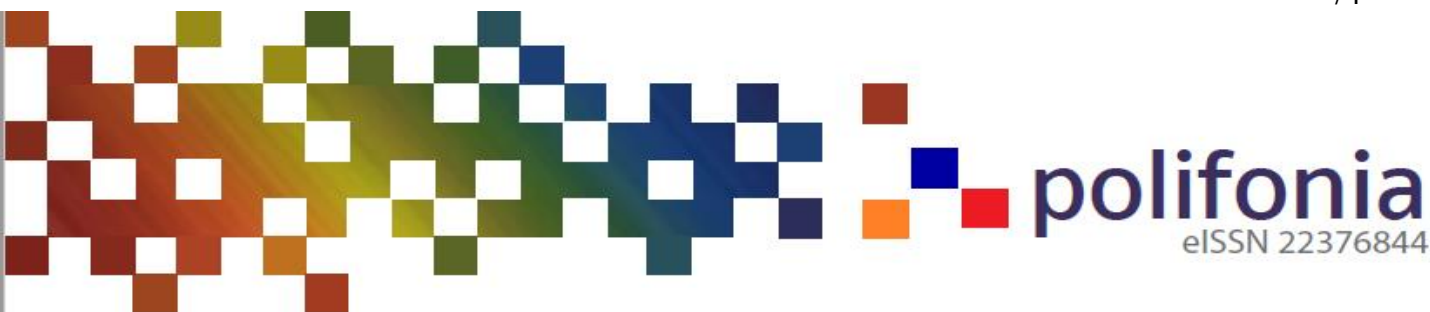
O propósito da próxima subseção é a análise das ocorrências de marcação de sujeito dativo que vem selecionado por verbos psicológicos.

3.3 Sujeitos dativos

Uma peculiaridade das línguas pertencentes à família Jê é a ocorrência de sujeitos não-canônicos, os quais vêm sistematicamente marcados com o caso dativo {*mỹ ~ mã*}. Nota-se que esses sujeitos recebem esse caso sempre que o verbo for de estado psicológico, independentemente de o verbo estar na forma finita ou na forma não-finita, conforme mostram os exemplos abaixo:

PARKATÊJÊ:

(35) *i-kra mã piptfo kĩn nĩɛ*
 1-filho DAT banana gostar muito
 ‘Meu filho gosta muito de banana.’ (FERREIRA, 2003, p. 127)



(36) *katij mǎ rɔp pati*
 kati DAT cachorro sentir.medo
 ‘A Kati tem medo de cachorro.’ (ibidem, p. 163)

(37) *i-mǎ kri*
 1-DAT sentir.frio
 ‘Eu estou com frio.’ (ibidem, p. 158)

PYKOBJÊ:

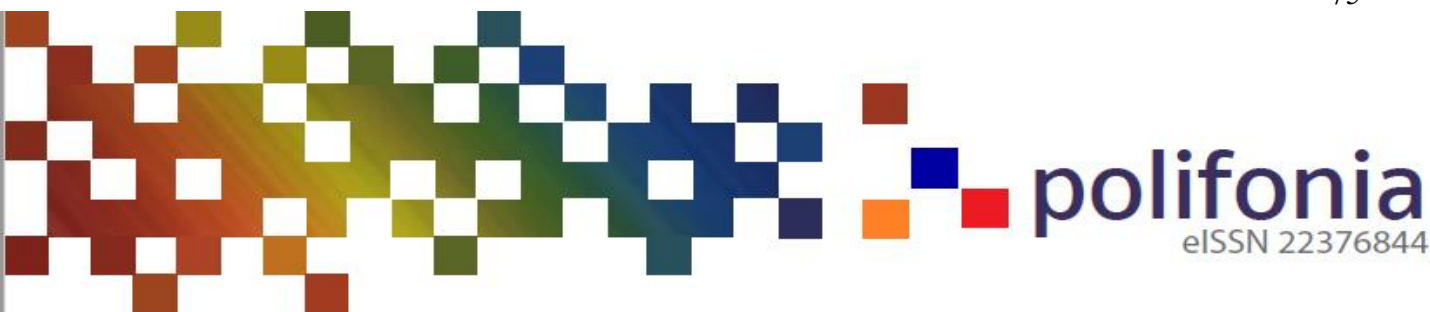
(38) *qui ha mǎ cahỹj mỹ pa*
 3 IRR PL mulher DAT sentir.medo
 ‘Mulheres vão ficar com medo.’

(39) *ẽhj-mỹ prỹm cree*
 1-DAT sentir.fome muito
 ‘Eu estava com muita fome.’

(40) *ẽhj-mỹ [pyhcop cati ji jaracwar to ẽhj-cacoc] prỹm*
 1-DAT povo gavião fala POSP 1-falar querer
 ‘Eu quero falar a língua do povo Gavião.’

Os exemplos apresentados acima mostram que o caso dativo pode marcar tanto sujeitos de verbos de estado psicológicos transitivos quanto sujeitos de verbos de estado psicológicos intransitivos, tais como *sentir fome, medo, frio*, ou do verbo *querer/desejar*. Ademais, a marcação com dativo independe do tempo e do aspecto da oração, o que fornece, portanto, evidência a favor da hipótese de que esse caso está diretamente associado ao papel temático [+AFETADO] que o sujeito recebe do verbo psicológico. Conforme Castro Alves (2018), essas construções também ocorrem em Canela, fato que traz mais evidência a favor de nossa hipótese, consoante a qual o engatilhamento desse caso no sujeito está diretamente condicionado ao fato de o verbo ser de estado psicológico.

Tomando por base os dados investigados até aqui, a generalização que propomos é a de que o surgimento do caso dativo faz emergir um alinhamento do tipo dativo-acusativo. Neste sistema, os sujeitos de verbos transitivos e intransitivos recebem o caso



dativo ($A_{\text{DATIVO}}=S_{\text{DATIVO}}$), enquanto o objeto recebe o caso acusativo/absolutivo, o qual recebe o morfema $\{\emptyset\}$.

Considerações finais

O quadro a seguir resume o padrão de ocorrência dos três sistemas de alinhamento nas línguas examinadas. O sistema nominativo-acusativo e o ergativo-absolutivo correspondem ao que chamamos de marcação canônica, em oposição ao padrão dativo-acusativo, que denominamos aqui de marcação não-canônica.

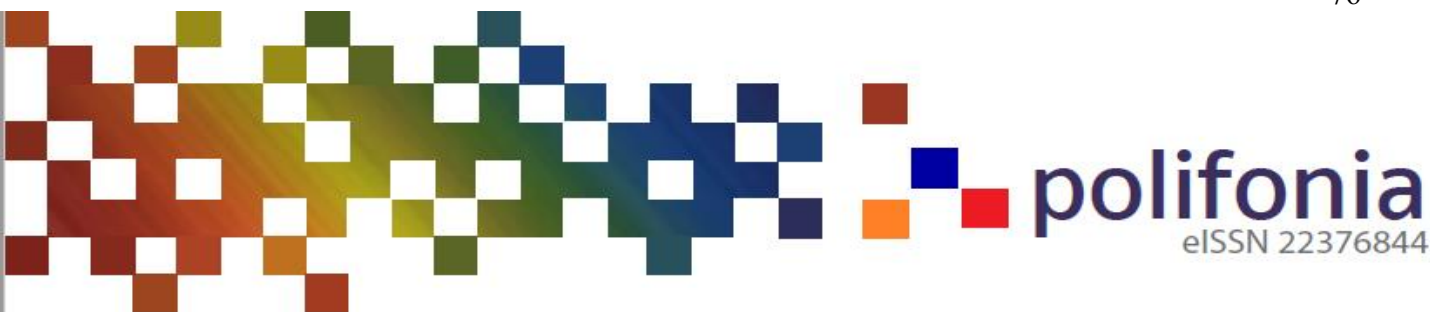
Quadro 2: Alinhamentos sintáticos em Pykobjê

ORAÇÕES PRINCIPAIS					
MARCAÇÃO CANÔNICA				MARCAÇÃO NÃO CANÔNICA	
NOM-ACC $\{\emptyset\} - \{\emptyset\}$		ERG-ABS $\{-te\} - \{\emptyset\}$		DAT-ACC $\{-m\tilde{y}\} - \{\emptyset\}$	
A → wa	O → ěhj-	A → ěhj-te	O → ěhj-	Ex → ěhj-mỹ	St → ěhj-
S → wa			S → ěhj-	Ex → ěhj-mỹ	

Averiguamos ainda que é o surgimento dos três padrões acima que está na base do surgimento da Marcação Diferencial do Sujeito (*Differential Subject Marking – DSM*) (SANTOS, 2018; SANTOS & DUARTE, no prelo), pois sujeitos de verbos transitivos podem vir marcados por meio dos Casos nominativo, ergativo e dativo. Já os sujeitos de verbos intransitivos podem vir realizados ora por formas pronominais nominativas ora por formas pronominais acusativas/absolutivas, dependendo se o verbo pertence à classe dos intransitivos eventivos ou à classe dos intransitivos estativos.

Em suma, a conclusão a que chegamos neste artigo é a de que sujeitos de verbos transitivos podem receber três marcas de Caso, a saber:

- (a) $\{\emptyset\}$ para caso nominativo;
- (b) $\{te\}$ para caso ergativo;
- (c) $\{m\tilde{y} \sim m\tilde{ã}\}$ para caso dativo.



Já sujeitos de verbos intransitivos podem receber até duas marcas de caso, a saber:

(d) { \emptyset } para caso nominativo e caso absolutivo;

(e) {mỹ ~ mǎ} para caso dativo.

Referências

ADGER, David. *Core Syntax: a minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

AMADO, Rosane de Sá. *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê*. 2004. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BUTT, M. The Dative-Ergative Connection. In: BONAMI O.; CABREDO HOFHERR, P. (eds.). *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics 6*, p. 69-92, 2006.

CABRAL, A. S. A. C., RODRIGUES, A. D., COSTA, L. S. da. Notas sobre Ergatividade em Xikrín. *LIAMES*, v. 4, n. 1, p. 21-28, 2004.

CASTRO ALVES, Flávia de. *O Timbira falado pelos Canela-Apaniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

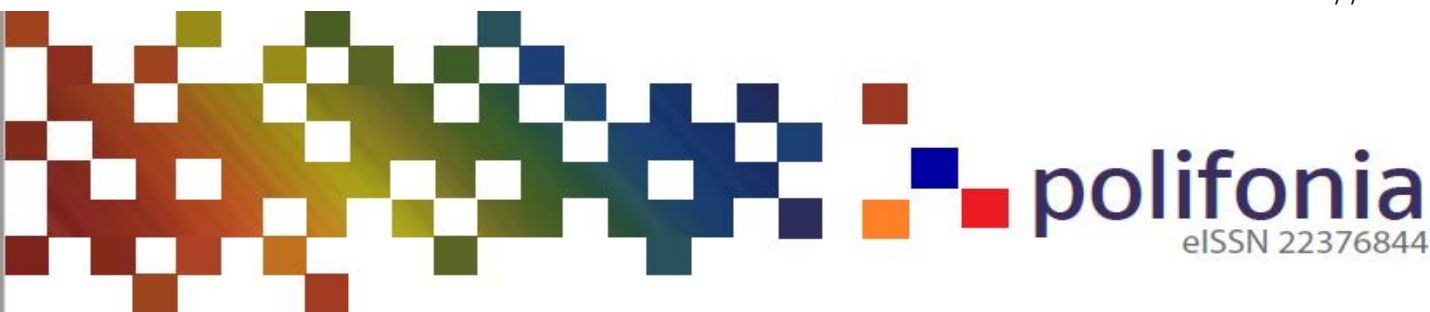
_____. Sujeito Dativo em Canela. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 13, n. 2, p. 377-403, 2018.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DUARTE, Fábio Bonfim. O que difere uma língua ergativa de uma língua nominativa? In.: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 20, n. 2, p. 269-308, 2012.

_____. On the semantics of affectedness and its implications for argument structure in the Ka'apor language. *Revista Linguística*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, n. 1, 2014.

_____. Considerações sobre o fenômeno da ergatividade e da marcação dos argumentos nucleares. In: Simone Guesser. (Org.). *LINGUISTICA: PESQUISA E ENSINO*. 1ed. Boa Vista: EDUFRR, v. 1, p. 9-33, 2016.



_____. The Split-S system and the source of the absolutive case in Tenetehára. *Revista Linguística*, v. 13, p. 317-367, 2017.

_____. The particle 'ke' as a differential object and subject marker in Ka'apor. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, set.-dez. 2019.

FERREIRA, M. N. O. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FILLMORE, Charles J. The Case for Case. In.: BACH, Emmon; HARMS, Robert T. (Orgs.). *Universals of Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1968. pp. 1–88.

RIBEIRO-SILVA, Nandra. *Pronomes em Parkatêjê: a expressão da terceira pessoa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Orgs.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 165-206, 1999.

SANTOS, João Henrique. *Marcação diferencial do sujeito em línguas do grupo Timbira*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SANTOS, J. H.; DUARTE, F. B. Marcação diferencial do sujeito em línguas do grupo Timbira. *Revista Letras*. No prelo.

WOOLFORD, Ellen. Differential Subject Marking at Argument Structure, Syntax, and PF. In: H. de Hoop and P. de Swart (eds.). *Differential Subject Marking*. Dordrecht (Netherlands): Springer, p. 17-40, 2009.